

RETÓRICA DA IMAGEM: O CONFLITO ENTRE A ARTE, A RETÓRICA E A FILOSOFIA EM PLATÃO

Martha Solange Perrusi (UNICAP)¹

Resumo: Se por um lado, Platão foi um grande crítico da retórica e da arte, no entanto; por outro, usou recursos retóricos para expor sua filosofia, em especial narrativas míticas. Pretendemos investigar essa correlação entre a crítica de Platão à arte figurativa e à arte retórica – como também os recursos de imagem e narrativas alegóricas ou mesmo míticas, como recursos retóricos, que encontramos na filosofia platônica. Apesar do duro golpe que a filosofia platônica empreendeu sobre as artes retóricas e figurativas, nenhuma delas feneceu. Elas sobreviveram, inclusive porque Platão tratou com ambiguidade tais artes, de um lado, ele era crítico, de outro, usou-as como recurso argumentativo em seu pensamento.

Palavras-chave: Arte Figurativa; Retórica; Platão; Narrativas

A tradição grega é eminentemente mítica e, portanto, a verdade era, nos primórdios, passada de geração em geração pela oralidade. Os mestres tradicionais da verdade, eram o rei justiceiro, o adivinho e o poeta. A verdade, em grego, é *aletheia*, em que *a* indica negação e *letheia* indica esquecimento, portanto, nos primórdios, a verdade vai ser entendida como “des-esquecer”. Platão vai herdar essa noção da verdade e sua teoria do conhecimento estará ligada a uma espécie de reminiscência, embora não trataremos desse aspecto, nesta apresentação, a noção de verdade grega passa pela memória através da deusa Mnemosine e de suas filhas, as Musas.

Há presença explícita de recursos retóricos desde a mais tenra idade antiga grega. Como as narrativas míticas se tornam o principal recurso pedagógico da cultura grega, percebe-se o nascimento de uma cultura da memória. Por ora, nos interessa a relação dos poetas com a verdade e, posteriormente a relação de Platão com os poetas.

Na *paideia* grega, de um lado, o mito era narrado por não-profissionais, as mulheres e os idosos, que falavam no ambiente privado para crianças de até 7 anos, de maneira que a linguagem mítica atingia a parte não-racional da alma, segundo o modo de pensar platônico. Do outro, por profissionais, seriam os poetas, os rapsodos, os atores, os coreutas. Os “profissionais” falavam em público e, inclusive, participavam de

¹ Graduada em Filosofia (UNICAP), Mestre em Filosofia (UFPE), Doutoranda em Ciências da Linguagem (UNICAP) e professora do curso de Filosofia da UNICAP. Contato: marthaperrusi@gmail.com

concursos. Platão divide os poetas de inspiração e os rapsodos, que imitavam os poetas, como descrito no *Íon*.

Ambos, o poeta por inspiração divina e o rapsodo, repassavam as narrativas míticas, mas os segundos eram meros imitadores. Segundo Brisson, *paidía*, brincadeira, vem de *paî*, criança. “o mito se vê naturalmente considerado por Platão como brincadeira” (2003, p.41) e por isso, aproxima-se da linguagem pedagógica para crianças, como também determina sua decisão por diálogos recheados de mitos, para atingir almas não-rationais.

Como a tradição do conhecimento mítico é a oralidade, consideramos importante comentar algumas questões. O recurso à oralidade poderia levar a um empobrecimento progressivo da informação transmitida, como aquela brincadeira de criança, o “telefone sem fio”. Mas não era o que acontecia na tradição mítica grega, porque existe um meio de manter a qualidade da transmissão oral, no caso, o recurso à memória. Não apenas o conteúdo era importante na transmissão, mas a forma também era. Acredita-se que os rapsodos teatralizassem as narrativas míticas.

O discurso do *mythos* era narrativo e impossível de ser verificado, enquanto o *logos*, que só encontraria distinção mais nítida após Heráclito, se apresentava como um discurso argumentativo e verificável. Para Platão, segundo Lichtenstein (1994, p. 60), o discurso filosófico apresenta as verdades imutáveis e o discurso dos sofistas-retóricos, apresentar-se-iam como *poikiloi logoi*, isto é, discursos coloridos que seduziriam pelo equívoco, através de armadilhas, e enganos. Quanto a isso, Nietzsche diz que “a retórica surge num povo que vive ainda em imagens míticas e que ainda não conhece a necessidade incondicionada da confiança na história; prefere ser persuadido a ser ensinado.” (1999, p. 28)

Platão, como filósofo e crítico do pensamento que o precedeu, a sofística, relegou a retórica à mera técnica da linguagem. Segundo ele, a retórica não estaria preocupada com o conteúdo do discurso, se verdadeiro ou não, se bom ou não.

Além disso, o filósofo foi um grande crítico da arte, concebida enquanto mimesis. Para Platão, a verdade reside no mundo ideal e as coisas sensíveis são imitação da ideia. Por conta disso, ele colocava a arte figurativa em um lugar ainda mais inferior, posto que seria uma imitação da imitação. Assim, porque a arte é mimética, ela perderia em graus de verdade e seria reprovada no pensamento platônico.

Mas as coisas não são tão simples, pois, embora a preocupação de Platão tenha sido com a verdade, muitas vezes, o filósofo usou narrativas míticas como recurso retórico. Trata-se, pois, de uma via bastante ambígua no pensamento o autor. Os sofistas primam por um discurso variado, a polimatia, sabem um pouco de tudo e, portanto, não sabem a verdade.

A pintura, por sua vez, se apresenta com as mais variadas cores, dando uma ideia de polimatia também. Nossa expressão “preto no branco”, por exemplo, visa a dirimir qualquer ambiguidade presente em uma profusão de cores. Para Platão, contudo, a verdade seria única, absoluta, ideal, e só poderia ser alcançada pelo exercício da razão. Ainda que possamos dizer que a razão esteja presente na formulação de um discurso, por conta da construção argumentativa, a ênfase que encontramos na crítica que Platão faz à retórica sofisticada é que o recurso estilístico de se dizer algo a alguém se sobressaiu em detrimento do que se diz (conteúdo).

De modo semelhante, a arte não se ocupa com a verdade, como podemos ler na filosofia platônica, e, por ser mimética, se afastaria duplamente da verdade única. A crítica à pintura, por sua vez, toma partido de uma espécie de realismo, uma pintura de uma cama não serviria nem para se deitar. Apesar do duro golpe que a filosofia platônica empreendeu sobre as artes retóricas e figurativas, nenhuma delas feneceu. Elas sobreviveram, inclusive porque Platão tratou com ambiguidade tais artes, de um lado, ele era crítico, de outro, usou-as como recurso argumentativo em seu pensamento.

Para Nietzsche, inclusive, a parte retórica de Platão encontra-se no recurso aos mitos. Platão usa os mitos por, sobretudo, dois motivos, porque, para falar de assuntos longínquos, como a origem do cosmos, no *Timeu*, não se tem como falar com certeza, então só se pode recorrer a um mito, que seja verossímil.

O outro motivo, é que o mito é eficaz para levar o conhecimento a quem não é filósofo, ou seja, do mesmo modo que as crianças são persuadidas pelo mito, as almas não-filosóficas também podem ser. Ou seja, o mito termina sendo um recurso mais universal, porque, através dele, consegue-se chegar às almas menos elevadas. No entanto, o pano de fundo de Platão é o conhecimento verdadeiro e ele vai distinguir as narrativas míticas, que, por serem persuasivas, precisam persuadir com conhecimento.

Embora o mito narre um acontecimento primordial e verdadeiro, para Platão, o mito, enquanto recurso retórico, só será verdadeiro dentro do contexto de um discurso

filosófico, do mundo inteligível, “o mito exerce um papel de paradigma ao qual são levados a referir-se não por meio do conhecimento, mas da persuasão – todos aqueles que não são filósofos, isto é, a maioria dos seres humanos.” (BRISSON, 2003, p.54) Sem esse fim, por outro lado, o mito é falso e deve ser evitado. O problema, pois, não é usar o mito, o mito pode ser usado se, através dele, pode-se chegar ao conhecimento verdadeiro, daí extraímos a ideia de que os diálogos de Platão tinham uma pretensão de público mais ampla e universal.

O mito, portanto, pode ser um caminho para a verdade ou para a falsidade, “o mito é verdadeiro ou falso de acordo com sua adequação ou inadequação com o discurso que formula o filósofo acerca do mesmo assunto.” (BRISSON, 2003, p.55). O mito, como recurso retórico, pode, da mesma forma que a retórica, fonte de crença, sem conhecimento, como também fonte de conhecimento.

A arte, como dissemos anteriormente, distancia-se em três graus da verdade, por ser imitação da imitação. A questão aqui é o critério da verdade, sob esse critério, a pintura tem a intenção de enganar, pois pretende se passar por verdadeira. Como diz Lichtenstein, “a pintura é condenada não só pela natureza sofisticada de suas imitações, mas também pelos efeitos retóricos de suas imagens.” (1994, p.58)

Lichtenstein encontra em Platão evidências da intencionalidade da pintura em enganar, encontradas, por exemplo, no diálogo *Sofista*, o que vai levá-la a concluir que “o pintor é, portanto, ainda mais sofista que o orador, já que o campo de sua arte não é a linguagem, mas essa matéria, pura aparência sensível.” (1994, p.60)

O que nos faz concluir que, pela linguagem (ainda que mítica, enquanto recurso retórico), é possível chegar à verdade, já que , pela linguagem, pode-se falar do inteligível, mas, pela pintura, não, pelo contrário, na pintura, “a cor não tem nem mesmo a desculpa de ser uma metáfora.” (LICHTENSTEIN, 1994, p. 60) Ambas, retórica e pintura, buscariam o mesmo efeito: enganar, mas a retórica poderia ser usada para o bem, se houvesse preocupação com o conteúdo.

A pintura, no entanto, para além de estar graus distante da verdade, na concepção platônica, não deixaria saída, porque as tintas são ilusão da ilusão, o que leva Lichtenstein a afirmar que “se tirarmos as camadas de pintura de que o pintor se serviu para representar as formas em um quadro, nada restaria, a não ser a brancura nua de uma tela. Nenhuma realidade se dissimula sob as cores.” (1994, p. 50)

Para Platão, portanto, nenhuma das três expressões, mito, retórica e pintura, fala a verdade. No entanto, enquanto o mito e a retórica podem ser recursos persuasivos para chegar ao conhecimento verdadeiro – e serão recursos aproveitados pelo filósofo, a poesia, permanece somente como o enfeite, como o ornamento.

Comparando com a retórica, enquanto técnica, as cores da pintura seriam o ornamento da linguagem, que poderia atrair, seduzir – tarefa, inclusive própria da retórica, posto que há duas maneiras de se ver a retórica, pela argumentação, o lado mais técnico e lógico, como pela ornamentação, o belo discurso, ou seja o lado ornamental –, mas que só teria como pano de fundo a verdade, se fosse usada com esse propósito.

O problema da pintura, portanto, é que ela só tem ornamento, isto é, por baixo das cores pintadas, não há nada, dito de outro modo, “para quem diz amar exclusivamente a verdade, a única pintura digna de ser reconhecida por quem pretende só se interessar por essências deveria ser incolor. Ou seja, sem pintura.” (LICHTENSTEIN, 1994, p. 61) A pintura não esconde nada, não há nada a ser descoberto, ela é apenas ilusão.

Das artes representativas, a pintura seria até desprezada, porque, por Platão condicioná-la ao critério lógico, ela pretenderia enganar, é meramente ilusória e ainda não conseguiria seu intento, já que se de primeira vista somos enganados, mas rapidamente percebemos o erro. A pintura seria condenável porque “a cor não tem nem mesmo a desculpa de ser uma metáfora.” (LICHTENSTEIN, 1994, p.60) O que parece escapar a Platão é que a pintura não tem a pretensão de enganar (só cabe pensar assim, se colocarmos o critério lógico), mas ela se sabe ilusão e quer ser vista como imitação.

Por outro lado, o mito e a retórica são recursos estilísticos e recursos argumentativos (os dois lados da retórica estão presentes em usar o mito como recurso) e, portanto, se encontram na ambiguidade de serem falsos, e, por isso evitados, de serem verdadeiros, a depender de seu conteúdo e, por isso utilizados. À retórica com conteúdo verdadeiro, Platão vai chamar de dialética.

Referências

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Junior; Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BRISSON, Luc. **Leituras de Platão**. Trad. Sonia Maria Maciel. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- FERRAZ, Maria Cristina. **Platão: as artimanhas do fingimento**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A Cor Eloqüente**. Trad. Maria Elizabeth Chaves de Mello e Maria Helena de Mello Rouanet. São Paulo: Siciliano, 1994.
- MEYER, Michel. **Questões de Retórica: linguagem, razão e sedução**. Lisboa, Edições 70, 2007.
- NIETZSCHE, F. **Curso de Retórica**. Trad. Thelma Lessa da Fonseca. In. Cadernos de Tradução, número 4, DF/USP, 1999
- PLATÃO. **Fedro**. Trad. José Cavalcante Souza. São Paulo: Editora 34, 2014.
- PAVIANI, Jayme. **Escrita e Linguagem em Platão**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SCHUHL, Pierre-Maxime. **Platão e a arte de seu tempo**. São Paulo: Discurso/Barcarolla, 2010.